

A IMPRENSA SUL-RIO-GRANDENSE NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO ÍNDIO

CÍNTIA RÉGIA RODRIGUES*

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar a imprensa sul-rio-grandense na construção da imagem do índio no período que se estende de 1884 até o ano de 1910, quando da criação do Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais. Os dois jornais pesquisados foram A Federação e o Correio do Povo, ambos situados em Porto Alegre. Os jornais devem ser entendidos como instrumentos pelos quais a sociedade produz modelos, reflexões, e representa percepções de época. Primeiramente, apresentar-se-á de que forma as populações nativas da América foram designadas pelos europeus, a partir do primeiro contato entre os nativos da América e os europeus. Também será tratada a análise das imagens de Índio que foram construídas a partir deste primeiro contato. Num segundo momento, ver-se-á quais eram as notícias publicadas a respeito dos índios: os bons e/ou os maus. Num terceiro momento, será analisada uma coluna que era escrita no jornal A Federação, intitulada Para Impressionar o Indígena, esta trazia notícias principalmente da Europa para ensinar o "indígena".

PALAVRAS CHAVE: índio, imagem, imprensa.

1 – INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretende-se vislumbrar a imprensa sul-rio-grandense na construção da imagem do índio no período que se estende de 1884 (ano da criação do jornal *A Federação*) até 1910, quando estrutura-se o SPILTN (Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais).

Primeiramente, apresentar-se-á de que forma as populações nativas da América foram designadas pelos europeus, a partir do primeiro contato entre os nativos da América e os europeus. Também será tratada a análise das imagens de Índio que foram construídas a partir deste primeiro contato. O "Bom e o Mau Selvagem" são as

* Doutoranda em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

imagens¹ de Índio que expressam a maneira com que o europeu enxergava o índio, e que se estenderam ao imaginário sul-rio-grandense da época, o suficiente para estarem presentes nas notícias de jornal pesquisadas, e assim serviram como um parâmetro utilizado para a classificação destas notícias.

Então, no segundo item, ver-se-á algumas das notícias² publicadas a respeito dos índios: os bons e/ou os maus. Cabe lembrar que, além das duas visões de índio – o bom e o mau – utilizadas neste trabalho para apresentar as imagens de índio, existem outras questões que permeiam estas visões. Optou-se, também, em não dividir os dois jornais trabalhados, por entender-se que ambos noticiavam as duas visões de índio da mesma forma.

Num terceiro momento, será analisada uma coluna que era escrita no jornal *A Federação*, intitulada *Para Impressionar o Indígena*, esta trazia notícias principalmente da Europa para ensinar o "indígena". Essa coluna nada mais continha que várias informações e contos, descritos em tons irônicos.

2 – "BOM E MAU SELVAGEM"

O ano de 1492 é o marco desencadeador do processo de colonização da América, pois o "descobrimento" da América por Colombo faz com que o homem europeu vença, controle e atrele o mundo indígena ao Estado castelhano. Aliado ao processo de colonização, o processo evangelizador pretendia criar um paraíso terrestre no Novo Mundo.³

Cabe enfatizar que a própria designação "Índio" foi dada pelos espanhóis quando da conquista da América, e era atribuída aos povos nativos que aqui viviam, imaginando que haviam chegado às Índias, conforme Caleffi: *"Índio, assim, corresponde a uma clara projeção inicial*

¹Entende-se por imagem um conteúdo específico do imaginário projetado com base em um objeto, isto é, para que haja a possibilidade da projeção do imaginário, é necessária a existência de um objeto que sirva como "gancho", sobre o qual o conteúdo do imaginário se projetará, formando a imagem (Imago), que é distinta do objeto, abrindo uma das vias das construções das representações" (CALEFFI, 1997, p. 50). Segundo Litaiff (1996, p. 20), "As representações (como "estar em lugar de") ou símbolos são imagens das idéias (conscientes ou não) que os indivíduos têm de si mesmos e de suas relações".

² Para ver mais exemplos de notícias sobre os indígenas consultar: RODRIGUES, 2002.

³ Na tradição dos Estados Cristãos, o Rei herdou da Idade Média, em Castilha e Portugal, o dever de defender e proteger a Igreja. Esta, através do com ceito de cruzadas, apareceu como legitimadora da monarquia e também de toda a estrutura do poder político. Desta forma, o Estado e a Igreja empreenderam o processo de colonização na América, esta sendo legitimada pela evangelização das populações nativas.

do imaginário de Colombo e seus companheiros, seguida de uma construção constante. Ou seja, índio é um objeto socialmente construído".⁴

Como se percebeu ao longo do processo de colonização da América espanhola e portuguesa, construiu-se uma identidade para as populações nativas. Esta identidade atribuída⁵ foi fruto do próprio eurocentrismo e egocentrismo que permeava todas as ações do homem europeu na América, isto é, as construções de "índio" foram estruturadas a partir dos signos e significados que estavam contidos na própria cultura européia.

Para o europeu, a cultura das populações nativas da América não existia ou não detinha nenhuma importância significativa. Desse modo, era preciso atrelar o mundo indígena ao europeu. Para tanto, foi necessário exterminar a cultura das populações nativas do Novo Mundo, e transformar o índio à imagem e semelhança do europeu.

Sabe-se que, ao longo de toda a colonização, os povos nativos da América eram tidos como "bons selvagens" ou como "selvagens". Estas duas imagens diversas e contraditórias dos índios foram sendo construídas desde os primeiros contatos dos europeus com as populações nativas do Novo Mundo, sendo perpetuadas ao longo de toda a colonização da América pela historiografia mundial.⁶

Pode-se, então, afirmar que existem duas imagens de índio: o bom e o mau. Aliado a isso, foi acrescido a identidade atribuída "Índio" à palavra selvagem.⁷ Percebe-se, então, que a questão indígena, desde os primórdios da colonização, esteve ligada a imagens preconceituosas, deturpadas e intolerantes criadas pelos europeus e tidas como verdades⁸, e ainda muito disseminadas pela opinião pública nos dias atuais.

Uma das fontes destas imagens distintas encontra-se no debate

⁴ CALEFFI, 1997, p. 50.

⁵ CALEFFI, op. cit., p. 50-64.

⁶ De acordo com Menget, as primeiras reflexões construídas no século XVI sobre a origem das populações nativas da América ressaltam que os nativos teriam esquecido os preceitos divinos, causa da perda de sua cultura. Ainda tratando da obra de Menget, os jesuítas destacavam que os ensinamentos repassados às populações nativas eram facilmente esquecidos, ou conforme Vieira, "*Só lhes falta a cultura*". VIEIRA et. al., 1991, p. 154; MENGET, 1999, p. 153-165.

⁷ Na obra de Lima, encontramos uma designação para indígenas selvagens: "brasileiros reduzidos à condição de brutos, inúteis a si e à coletividade e, o que é mais, entretendo, em mais de um ponto, o aproveitamento da terra e das forças naturais, sendo inclusive exterminados barbaramente, como feras (...)". (Brasil, MAIC, SPITLN, Relatório de Diretoria/1917, p. 1. SEDOC, m. 380, f. 1239). Cf. LIMA, 1995, p. 120.

⁸ Para Foucault, não existe a verdade, mas uma verdade forjada pelas relações de poder, "cada sociedade tem seu regime de verdade, (...) os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros". FOUCAULT, 1995, p. 12.

ocorrido em 1550 entre o dominicano Bartolomé de Las Casas e o jurista e humanista Juan Ginés de Sepúlveda, e também nas idéias filosóficas apresentadas no século XVIII⁹, dentre estas pode-se citar Rosseau.

Las Casas ressalta que os índios são membros de pleno direito da humanidade, sendo que esta idéia se converteria na doutrina oficial da Igreja Católica em 1537, quando o Papa Paulo III pronuncia-se na bula *Veritas ipsa*¹⁰, afirmando a liberdade dos índios. Ainda segundo Las Casas, a colonização só se justifica pela autoridade do Papa para evangelizar o mundo inteiro, também reforça a idéia de que a colonização é justa se for pacífica e for subordinada ao labor missional. De acordo com Las Casas, os índios são pacíficos, comparando-os a cordeiros:

Deus criou todas essas gentes infinitas, de todas as espécies, mui simples, sem finura, sem astúcia, sem malícia, mui obedientes e mui fiéis a seus senhores naturais e aos espanhóis a que servem; mui humildes, mui pacientes, mui pacíficas e amantes da paz, sem contendidas, sem perturbações, sem querelas, sem questões, sem ira, sem ódio e de forma alguma desejosas de vingança.¹¹

Para o "Apóstolo das Índias", como era conhecido Las Casas, "a única fé expressa dos conquistadores é a ganância, e seu único deus é o ouro."¹² Las Casas dispõe de uma visão amplamente histórica, pois relata os acontecimentos sangrentos, perpetuados pelos espanhóis, com os índios desde a chegada de Colombo até o ano de 1550. Desde o ano de 1511, Las Casas encontrava-se na Ilha espanhola de Cuba.¹³

Outra doutrina importante na construção das imagens de índio foi a do jurista Juan Ginés de Sepúlveda. Imerso na tradição clássica e em Aristóteles, o autor partiu da racionalidade como definidora da condição humana, entendia que a humanidade estava estruturada no princípio de

⁹ O objetivo deste item é justamente entender as imagens construídas para o índio. Neste âmbito não houve a preocupação de citar cada expoente que tratou da elaboração dos conceitos, apenas a citação de alguns autores para o melhor entendimento do processo de construção das imagens.

¹⁰ "É neste notável documento (datado de 9 de junho de 1537, segundo Rodolfo Garcia, ou 1536, segundo Ferdinand Denis) que o chefe da Igreja Romana, apoiado nas idéias que circulavam na Europa sobre a bondade natural dos nossos índios, declara que eles são verdadeiros homens e não simples bestas de carga, e, portanto, capazes de acudir ao chamado de Cristo". FRANCO, 1969. p. 23.

¹¹ PIRES, 1998, p. 59.

¹² Ibid., p. 58.

¹³ Ver LAS CASAS, 1984.

que uns homens são mais racionais que os outros, sendo que os mais sábios devem governar e dominar os mais ignorantes, a fim de libertá-los do selvagerismo e catequizá-los.

Nos anos de 1550 e 1551, foram promovidos diversos debates na Corte Jurídica de Valladolid entre Las Casas e Juan Sepúlveda – autor do "*Tratado sobre las justas causas de la guerra contra los indios*"¹⁴ –, que defendia a manutenção da dominação sobre as populações nativas da América. Conforme o autor, os nativos da América deveriam ser subjugados pelos europeus, estes a civilização mais inteligente.

Durante os séculos seguintes, várias obras foram escritas sobre o índio, sendo que várias imagens foram produzidas. A expressão "Bom Selvagem" foi utilizada por Rosseau, que, durante o século XVIII, descrevia o índio como estando num estágio primitivo de homem. O índio, para este autor, era um ser dócil, não oferecendo nenhum perigo à humanidade. Conforme Rouanet¹⁵ o mito do bom selvagem existe desde a Antigüidade, mas esta expressão voltou a ser utilizada a partir do período das grandes navegações, precisamente no século XVI, quando do encontro de Colombo com as populações nativas da América.

Como se pode notar, o "Bom e o Mau selvagem" são imagens opostas que catalisam o imaginário sobre os índios. De um lado, tem-se o "Bom selvagem", aquela criatura dócil, pura, ingênua, que não oferece nenhuma periculosidade à humanidade, mas que deve ser catequizado; de outro lado, avista-se o "Mau selvagem", aquele indígena que necessita ser exterminado.

Desta forma, nota-se que os parâmetros utilizados para classificar os povos nativos da América, quanto à sua selvageria ou não, advêm da própria cultura européia, que projeta o homem europeu como sendo a perfeição, e, assim, as populações nativas deveriam ser a sua imagem e semelhança para serem considerados "civilizados" ou aptos para a "civilização". Bourdieu ressalta que a sociedade interpreta culturas distintas de acordo com os seus próprios signos e significados, e alerta para este problema:

A ciência social lida com realidades já nomeadas e classificadas, portadoras de nomes próprios e de nomes comuns, de títulos, signos, siglas. Sob o risco de retornar por sua conta, sem o saber, atos de constituição cuja lógica e cuja necessidade ela ignora, a ciência social deve tomar como objeto as operações sociais de nomeação e os ritos de

¹⁴ Para saber em detalhes o posicionamento de Sepúlveda em relação aos índios, ver: SEPÚLVEDA, 1996.

¹⁵ Ver ROUANET, 1999. p. 415-438.

instituição através dos quais elas se realizam.¹⁶

2.1 – O "Bom e o Mau Selvagem" na imprensa sul-rio-grandense

No período trabalhado, que corresponde 1884 a 1910, na imprensa sul-rio-grandense, nota-se claramente nos jornais pesquisados, *A Federação*¹⁷ e o *Correio do Povo*¹⁸, as duas imagens em questão: o Bom selvagem, aquele que detinha qualidades e estava na infância da humanidade, estando subjugado perante a sociedade; e o Mau selvagem, este que matava, agredia, e era um empecilho ao desenvolvimento da sociedade e retardava o progresso em todos os aspectos, principalmente no econômico, pois não trazia nenhum benefício à sociedade.

Neste caso, serão apresentadas notícias sobre os indígenas, nas quais convergem para dois pólos de imagens, já citadas: posteriormente trabalhou-se outra questão que aparecia nos jornais que refletia na construção da imagem de índio na elite da época, que foi o item da coluna *Para Impressionar o Indígena*, sem dúvida este item é enquadrável dentre as principais representações de índio que citamos acima, porém devido a sua peculiaridade considerou-se pertinente tratá-la em um subcapítulo.

As notícias retratadas nos dois jornais pesquisados, *A Federação* e o *Correio do Povo*, sobre o índio, em sua maioria, eram matérias retiradas de outros jornais, vindos, principalmente, de São Paulo e do Rio de Janeiro. Neste caso, a notícia era reproduzida na íntegra. Assim, algumas vezes, os dois jornais em questão traziam a mesma notícia, advinda de outras capitais brasileiras, referentes aos indígenas. Têm-se também notícias sobre os indígenas no Rio Grande do Sul.

¹⁶ BOURDIEU, 1996, p. 81.

¹⁷ De acordo com Silva, o Jornal *A Federação* foi fundado por Venâncio Aires, que foi o primeiro diretor da redação, sendo que logo em seguida a direção do jornal passa as mãos de Julio de Castilhos. Lembra que "O jornal esteve sempre voltado para os ideias republicanos, por isto é considerado um continuador das aspirações dos revolucionários de 1835, tendo sido um dos poucos em que a data farroupinha foi sempre lembrada. Seus objetivos estão expressos no cabeçalho: *federação(...), unidade(...), centralização(...)* desmembramento(...)". SILVA et. al., 1986, p. 271. Conforme Sodré, *A Federação*, "órgão republicano com papel político muito importante, em cujas colunas se refletiram alguns dos principais episódios da Questão Militar". SODRÉ, op. cit., p. 264.

¹⁸ Para ver sobre sua história observar: DILLENBURG, 1997; FRANCO, 1995, p. 33-40. O jornal *Correio do Povo* se propunha informativo. A noção de informativo buscava fazer o contraponto dos jornais que eram órgãos diretos dos partidos, como *A Federação*, e era possível devido ao paradigma da época, que acreditava na viabilidade de descrever os fatos sem que esta descrição tivesse algum direcionamento ideológico.

2.2 – O "Bom Selvagem" na Imprensa sul-rio-grandense

O Bom Selvagem foi retratado nos jornais pesquisados dependendo do contexto regional e nacional, político e econômico vigentes. Dessa maneira, a imprensa relatava os protestos "civilizados" dos indígenas contra os colonos perante o governo federal ou estadual. Além disso, fazia menção a apresentações culturais dos índios bons, descrevia, ainda, os esforços empreendidos pelo governo ou particulares para a efetiva catequização dos índios. Vale lembrar que o saldo positivo da catequização dos índios era mostrado exaustivamente pela imprensa, como uma espécie de afirmação dos órgãos públicos de que, sem dúvida, a "civilização" dos índios era um sonho palpável para a sociedade nacional.

O índio se apresenta "civilizadamente"

Nos jornais, foram encontradas algumas atividades culturais realizadas pelos indígenas ou pela sociedade para com os índios, demonstrando que o índio poderia tornar-se "civilizado":

Devem lembrar-se os leitores que há dias demôs noticia de que, procedente de Nonohay, havia chegado á colonia de Sobradinho, municipio da Soledade, um grupo de 14 indios, entre homensmulheres e creanças (...). Esses bugres chegaram a esta cidade e se acham actualmente nas immediações do Amorim, onê armaram tendas(...)Pretendiam elles dar dois espectaculos na Cachoeira, que constarão de dansas, contos guaranys e outras interessantes diversões. Ao ar livre, vão elles fazer um exercicio, atirando flechas (...). No pateo do hotel Central, ás 5 horas datarde de hoje, terá logar a estreá do grupo de bugres, que ora nos visita, sendo o programma o seguinte:1º apresentação dos bugres, 2º atiradas de flechas ao ar por bugrinhos, e 3º contos guaranys.¹⁹

Chama-se a atenção aqui para a classificação do guarani como bugre; isto é raro, pois geralmente bugre é usado justamente para os grupos que não são de origem Tupi-Guarani.

Em outro trecho, precisamente no jornal *A Federação*, encontrou-se um segmento no qual a chamada da primeira página já traz o índio como civilizado, ou seja, já sabia ler e escrever, já se vestia como um civilizado:

Na Associação dos Empregados no Commercio do Rio Grande, houve (...), uma audição da banda de musica dos indios bororós corôados,

¹⁹ CORREIO DO POVO, n. 37, 8 fev. 1905.

cuja tribus, em numero de dez mil pessoas, vivem errantes pelas selvas do longinquo Estado de Matto Grosso. O grupo a que nos referimos, foi catechizado pelos padres salesianos, fundadores de varios collegios naquella região e segue para o Rio, onde farse á ouvir na próxima exposição nacional (...). Os bororós de que tratamos fallam uma mistura de portuguez e guarany, lingua esta peculiar a esse povo. Sabem ler, escrever e possuem noções rudimentares de arithmetica. Aos que não pertencem a sua raça dirigem-se sempre em idioma portuguez. Andam vestidos á europêa.²⁰

Índios denunciam abusos dos colonos e buscam auxílio

De acordo com as pesquisas realizadas, foram inúmeras as denúncias por parte dos indígenas quanto ao abuso dos colonos em relação às terras habitadas por aqueles. Os indígenas dirigiam-se ao governo federal e estadual para que alguma providência fosse tomada:

Os índios pynagés – Conforme referiram os telegramas da imprensa, chegaram ao Rio de Janeiro, em principios deste mez, nada menos de dez índios pertencentes á tribu dos Pynagés, que abavam-se hospedados na repartição central da polícia, vindos do Alto Tocantins, afim de pedir ao governo providencias para cessarem os abusos de que são vítimas. Nos terrenos a elles pertencentes e onde cultivam o arroz, o milho, o feijão, a mandioca e outros cereaes foi installar se o capitão Leão, fazendeiro de grajahú. Os animaes da fazenda deste senhor penetram nos dominios da tribu e fazem estragos consideraveis(...). Sem ter mais a quem recorrer, os índios resolveram vir a esta capital implorar providencias ao governo federal, na pessoa do sr. presidente da republica, a quem elles chamam de Papae Grande(...).²¹

É importante frisar que foram constatadas ocorrências que denotavam a curiosidade dos indígenas em conhecer o presidente da República:

Da colonia do rio Verde, no Estado de S. Paulo, chegaram á capital federal onze índios guaranys, que foram pedir proteção ao presidente da republica – o papae grande, como elles chamam, na sua pittoresca linguagem. Quase tão forte como o desejo de ver o presidente, é a vontade que elles têm de contemplar o grande rio (o mar), diz um jornal fluminense. Trouxeram como guia e chefe o indio José dos Santos, cujo nome primitivo era Avangorahy o que já ali esteve dois mezes, voltando agora para reiterar o pedido patente de capitão o qual lhe fora promettida. Avangorahy é casado, e trouxe sua esposa, cunháNho Uero-

²⁰ A FEDERAÇÃO, n. 135, 10 jun. 1908.

²¹ A FEDERAÇÃO, n. 226, 29 set. 1902.

Noho, baptizada com o nome de Maria Francisca(...). Delles, só falam o portuguez o guia, José Silverio e Marcellino Rufino. Este lê e escreve, tendo pedido que lhe dessem alguns livros, para se distrair na viagem. Todos elles vestem decentemente, e foram acolhidos na repartição central da policia.²²

A partir da curiosidade dos brancos pelas culturas distintas dos indígenas, verificada através das seções de fotografias, também colecionavam-se instrumentos indígenas e tratava-se de descrever o índio, assim mostrava-se a inferioridade da cultura indígena, uma vez que os índios viviam de uma maneira simplória para os padrões culturais da sociedade nacional. Também nesse item, sobressaiu-se claramente a curiosidade que a sociedade nacional detinha pelo exótico:

Aproveitando a viagem que o photógrapho artista Walter Garbe tencionava fazer ao espírito Santo, o Museu Paulista encarregou-se de organizar colleções de peças ethnographicas dos indios botocudos da margem esquerda do Rio Doce. Já foram recebidos esses objectos, todos authenticos e de subido valor. Os arcos e as lâchas são bons trabalhos, bem assim as saccolas em que as mulheres, carregando as atadas pela testa, transportam seus haveres. Para levar agua usam de peça de bambus com os internodios furados, como instrumentos de musica tem flautas, nas quaes porém, tocam soprando o nariz. Peças rarissimas são os botoques, enfeites da orelha que consistem em um disco de madeira muito leve, da grossura de um dedo, mas de diametro quase igual ao de uma garrafa. Tanto os homens como as mulheres usam estes brincos, depois de casados, para o que fazem um buraco de 6,5 cm (...). Os homens, principalmente são de bella estatura e, abstracção feita do horrivel enfeite acima mencionado, têm feições regulares e alguns mesmo são de belleza rude e sympathica(...).²³

O índio manso

Conforme constatado nos jornais pesquisados, o índio poderia tornar-se "civilizado" tendo bons exemplos de brancos:

Noticiam de Curitiba que o colono, de nome Gregorio Delai, residente em prudentopolis, declarou pela imprensa que desde o começo do ano de 1907 até agora foi prisioneiro dos indios Botocudos. Foi apanhado pelos indígenas quando trabalhava na linha sul da estrada de ferro do Paraná. Gregorio Delai affirma que foi muito bem tratado pelos indios, com os quais viveu até maio próximo passado, isto é, mais de dois anos. Consegui até mudar-lhes os hábitos, com toda a facilidade. Contou ainda

²² CORREIO DO POVO, n. 249, 2 nov. 1899.

²³ CORREIO DO POVO, n. 202, 25 ago. 1909.

que, com as ultimas caçadas feitas aos índios, estes se exasperaram muito, pois, são geralmente pacíficos e generosos.²⁴

Catequese dos índios

O governo do estado do Rio Grande do Sul, quando da execução das demarcações de terras para os indígenas pela Diretoria de Terras e Colonização, lançou mão de verbas para a catequização dos mesmos:

Catechese de índios – O governo do estado pretende, por meio do ensino escolar, catechisar os grupos de índios que vivem nos mattos de Lagoa Vermelha e outros municípios. Para isso, foi aberto o credito de 5.800\$000.²⁵

2.3 – "O mau selvagem" na imprensa sul-rio-grandense

O indígena selvagem construído na imprensa sul-rio-grandense, no período trabalhado, cometia atrocidades infindas, principalmente, com os colonos, que eram considerados suas maiores vítimas. As violências empreendidas pelos índios eram descritas em seus mínimos detalhes. Não se economizava nos adjetivos utilizados para retratar os selvagens e os seus feitos nocivos à sociedade. Grande parte das notícias eram trazidas de outros Estados, no caso específico do Rio Grande do Sul, encontrou-se notícias escassas a respeito da violência indígena, noticiou-se uma ocorrência:

No lugar denominado (Serra do Forquilha), 2º districto deste municipio, occoreu, a 29 de dezembro do anno findo, um serio conflito entre índios e brasileiros ali residentes, no qual foram quase mortos, a cacete e facão, os brasileiros Deolindo Sacramento e Diogo Serrilho Antunes. Das investigações procedidas pelo delegado de policia, tenete Matheus Lopes Brum, verifica-se a culpabilidade (entre as quaes o chefe dos índios, capitão Faustino) não só attribuem a autoria daquelle crime como a da provocação que o precedeu, accrescentando que o facto delictuoso foi motivado pelo bom acolhimento dispensado pelos brasileiros à pessoa encarregada de ministra instrucção aquelles, pessoa esta que não goza da boas graças de uma parte dos gentios, por ser natural da Itália. Frei Bruno, o encarregado da catechese pelo benemerito governo do Estado, colhendo informações a cerca do crime referido acima, chegou á conclusão de que os índios não foram os provocadores e que elles têm sido victimas de explorações de brasileiros pouco escrupulosos que se estabelecem nas proximidades do toldo e os prejudicam, já enchendo os

²⁴ A FEDERAÇÃO, n. 207, 6 set. 1909.

²⁵ CORREIO DO POVO, n. 248, 19 out. 1909.

de aguardente, do que muito gostam, por preços exorbitantes, já não prendendo a criação que solta, estraga as pequenas plantações dos índios. Em vista disso, Frei Bruno, considerado inconveniente para o bom desempenho de sua missão a visinhança destes brazileiros com os seus civilizados, se entendeu com o exmo. sr. dr. Presidente do Estado e s. ex., segundo ouvimos, em carta dirigida ao honrado e prestigioso intendente deste município, coronel Heleodoro Branco, pediu que fossem retirados dos terrenos dos índios, por meio suasoria.(...).Esperamos pela douta decisão do exmo. sr. dr. Presidente do Estado. Laga Vermelha, fevereiro de 1910.²⁶

A partir da notícia descrita acima, é interessante pensar-se em todo o processo da imigração no Rio Grande do Sul no século XIX e início do século XX, que foi realizado muitas vezes sobre as terras dos indígenas. Desta forma, a escassez de notícias a respeito deste aspecto do contato entre o indígena e o colono é um tanto curiosa. Assim, levanta-se duas hipóteses plausíveis: ou os conflitos entre os indígenas e os colonos não foram divulgados, em larga escala, pela imprensa, por ser incômoda esta situação para o Estado, ou é possível que, no período estudado, este problema já não fosse mais latente, devido às políticas anteriores de aldeamentos, que neste caso estariam cumprindo sua função.

Atrocidades cometidas pelos índios

As violências atribuídas aos indígenas eram cometidas para com os diversos segmentos da sociedade, adultos e crianças não escapavam do ódio e da crueldade indígenas. Foram também retratados ataques de índios bravios contra índios mansos. Houve casos em que os índios aprisionavam indivíduos:

O nosso colega Progresso, de Montenegro, noticiou, há dias, ter ali chegado Henrique Zipp, moço que fizera a pé a viagem do Matto Grosso áquella localidade. Conta aquelle ter sido Zipp aprisionado pelos selvagens taipins, dos quaes conseguiu elle fugir, depois de haver estado ao serviço dos mesmos durante cêrca de um annó.²⁷

Na imprensa, foram encontradas passagens cruéis, em que os índios atacam para matar:

Noticiam de Belém, no Pará, que os índios tapajós trucidaram o collecter das rendas federaes em Matto Grosso Thomaz Carneiro, o alferes Ernesto Carnerio, commandante do destacamento, cinco praças deste e

²⁶ A FEDERAÇÃO, n. 51, 2 mar. 1910.

²⁷ CORREIO DO POVO, n. 126, 3 jun. 1903.

uma mulher. Depois de fazerem uso das flechas, arrancaram a facção os intestinos das vítimas.²⁸

Assaltos de índios

Outra forma de violência empreendida pelos índios se caracterizava pelo assalto que poderia ocasionar a morte das vítimas ou não, dependendo da situação, pois, muitas vezes, assaltavam por necessitarem de utensílios:

O dr. Sampaio Correia, engenheiro-chefe da construção da estrada de ferro Noroeste do Brazil, estando na capital de S. Paulo, e sendo ali procurado por um reporter do Estado, que lhe pediu informações sobre o assalto dos índios a operários daquela estrada, referiu que, efectivamente, varios ataques têm os índios levado affecto a contra a turma de trabalhadores da Noroeste do Brazil, sendo que os dois primeiros, isolados, se effectuaram há cerca de dois mezes, no trecho compreendido entre os Kilometros 150 a 2000, sem maiores consequencias. Os outros, porém, realisaram-se dahi por diante, com crescente successão o com caracter muito grave, porque além de fazerem fogo sobre os trens que trafegavam entre os kilometros 240 2 281, os índios incendiaram muitas pilhas de dormentes, causando não pequenos prejuizos á companhia.²⁹

Em favor dos colonos

Sabe-se que ocorreram inúmeros conflitos entre colonos e índios em função da terra, como já foi comentado no primeiro capítulo, principalmente no século XIX, adentrando o século XX. Os colonos vindos de vários países da Europa depararam-se com uma ferrenha luta dos índios em favor das terras que habitavam, uma vez que esses os colonos recebiam, muitas vezes, as referidas terras. Esta situação de conflito foi, por vezes, contestada por Ministros advindos de países europeus que solicitavam, junto ao governo do Brasil, providências em relação aos selvagens:

Inseriu o Diario da Tarde de 15, em sua secção telegraphica, um despacho do seu correspondente, em que affirma que o ministro da Austria junto ao governo brasileiro tornou a apresentar queixa perante o dr. Olyntho de Magalhães, ministro do exterior, contra o desleixo do governo do Paraná na defesa dos colonos d'aquella nacionalidade contra os índios bravios, que, por diversas vezes, os têm assaltado na colonia Lucena, massacrando muitos deiles.³⁰

²⁸ A FEDERAÇÃO, n. 33, 7 fev. 1903.

²⁹ CORREIO DO POVO, n. 145, 22 jun. 1910.

³⁰ A FEDERAÇÃO, n. 71, 23 mar. 1901.

2.4 – A coluna: "para impressionar o indígena"

A coluna denominada *Para Impressionar o Indígena* esteve presente no jornal *A Federação* a partir do 2º semestre do ano de 1907 até o 2º semestre de 1910, quando termina o marco temporal deste trabalho. A coluna era noticiada na primeira página do jornal, sendo muito destacada. Ela saía quase que diariamente no *A Federação*, tendo períodos em que era trazida uma vez por semana. Ela era dividida em várias pequenas notícias, sendo que em cada coluna poderiam sair até 10 notícias distintas. Como nela se lia, era uma coluna de variedades.

Para Impressionar o Indígena era uma coluna direcionada para os indivíduos brasileiros mais abastados e intelectualizados. É nítido o toque humorístico contido nas notícias, pois trata de fatos considerados estranhos à época, para tanto noticiava-se uma enormidade de informações pitorescas e de amenidades. As notícias se baseavam em formas de comportamento vindas principalmente da Europa, até as notícias sobre fatos curiosos vindos dos mais distintos países do mundo e também do Brasil. Além disso, eram freqüentes as narrativas de estórias impressionantes, algumas abstratas por demais, como profecias, casos familiares sobre indivíduos sem caráter, etc.

Obviamente, a coluna não estava dirigida aos povos nativos americanos, indígena também significa no Latim "pessoa natural do lugar ou país onde habita"³¹, porém, o fato da coluna optar pelo termo indígena e não brasileiro, deixa transparecer a dualidade com que é utilizada esta classificação de forma irônica, para justamente chamar a atenção das pessoas para fatos e histórias de difícil credibilidade, dignas de crítica, jogando com o aspecto de ingenuidade inerente aos indígenas americanos, remetendo, assim, à corrente que acreditava no "bom selvagem".

Dentre as várias informações trazidas pela coluna *Para Impressionar o Indígena*, ver-se-á a seguir de que forma a coluna se apresentava aos seus "amigos Indígenas":

(...) Adorável indígena amigo, cada dia que passa traz para ti mais uma maravilhosa notícia, de modo a deixarte a torcer o parafuso na decifração dos quebra-cabeças com que vão por esse mundo alé explorando a tua boa fé. E, pois de um novo e maravilhoso assumpto que vamos tratar e, desde já avançamos, fica sabendo que tem elle

³¹Significado da palavra indígena extraído de: FERREIRA, 1999, p. 1101.

apaixoando não pouco a imaginação do indígena francez e, com especialidade ainda, das damas. E' o caso que em uma povoação das proximidades de naney, em Brin, apparece todos os domingos a imagem real e perfeita de Christo na hostia consagrada que o parochio eleva durante a missa, deante dos fieis.(...)³²

(...)Ban, ban, ban! São elles, os electricos, os bondes sem burricø, que correm agarrados pelo fio com a roldana de cordinha, que até parece que o conductor (a nossa mania velha é chamar o recebedor de conductor) vae içar a bandeira da companhia no traquete dos postes do fim da linha! Desde a manhãzinha de antehontem que elles constituem a ordem do dia e da noite, porque avançaram por ella a dentro com um enthusiasmo demoniaco, com um tremendo olho de lobis- homem á plataforma, do tamanho, quase, do olho da Providencia(...) Nas ruas por onde elles transitaram o povo apinhava-se nas janelas e nas portas e nas beiradas dos passeios.(...)³³

(...)Muito se publica por ahi além para impressionar o nosso excellentissimo amigo indígena local, porém só esta muito sua seção é que impressiona deveras.(...)Há bem pouco tempo ainda celebrou-se em Nova York o casamento do jovem engenheiro Yonkee Jahn Keene com a formosa siguorina Luiza Miniora, de nacionalidade italiana. Durante sete longos mezes os noivos haviam se encontrdo em reuniões, bailes e festas. Os que os conheciam admiravam-se por vel-os sempre juntos, sem jamais se dirigirem a palavra. Maior foi ainda o pasmo quando, marcado o casamento, viu-se que esse mutismo continuava. Compreendeu-se, então, a causa: o dr. John Keene não entendia uma só palavra de italiano e a siguorina Miniora nada sabia de inglez. Como alguém lhes perguntasse de que modo tencionavam viver, sem se falar, a noiva respondeu que o amor não tem necessidade de phases. Esta é de intrigar.³⁴

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: EdUSP, 1998.

CALEFFI, Paula. A identidade atribuída: um estudo da historiografia sobre o índio. Estudos Leopoldenses, Série História, São Leopoldo: Unisinos, v. 1, n. 1, p. 50-64, 1997.

_____. Os censos demográficos como um instrumento da formação e consolidação das identidades regionais e nacional. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, ano 161, n. 408, p. 343-361, jul.-set. 2000.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. Correio do Povo: história e memórias. Passo Fundo: Ed. da UPF, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.

³² A FEDERAÇÃO, n. 41, 17 fev. 1908.

³³ A FEDERAÇÃO, n. 61, 12 mar. 1908.

³⁴ A FEDERAÇÃO, n. 46, 22 fev. 1908.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FRANCO, Afonso Arinos de M. *O índio brasileiro e a revolução francesa: as origens brasileiras da teoria da bondade natural*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

FRANCO, Sérgio da Costa. *A evolução da imprensa gaúcha e o Correio do Povo*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 131, p. 33-40, 1995.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Brevíssima relação da destruição das Índias*. Porto Alegre: L&PM, 1984.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. *Um grande cerco de paz – poder tutelar e indianidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LITAIFF, Aldo. *As divinas palavras: identidade étnica dos Guarani-Mbyá*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

MENGET, Patrick. *Entre memória e história*. In: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 153-165.

NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PIRES, Sérgio Luiz Fernandes. *O aspecto jurídico da conquista da América pelos espanhóis e a inconformidade de Bartolomé de Las Casas*. In: WOLKMER, Antônio Carlos (org.). *Direito e justiça na América Latina*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1998, p. 55-73.

RODRIGUES, Cíntia Régia. *As imagens do índio na imprensa sul-riograndense. 1884-1910*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

ROUANET, Sergio Paulo. *O mito do bom selvagem*. In: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 415-438.

SILVA, Jandira M. M. da et. al. *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história a imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VIEIRA, Maria do Pilar de et. al. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 1991.

REPORTAGENS SELECIONADAS

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, n. 41, 17 fev. 1908.

_____. _____. n. 33, 7 fev. 1903.

_____. _____. n. 46, 22 fev. 1908.

_____. _____. n. 61, 12 mar. 1908.

_____. _____. n. 71, 23 mar. 1901.

_____. _____. n. 135, 10 jun. 1908.

_____. _____. n. 207, 6 set. 1909.

_____. _____. n. 226, 29 set. 1902.

_____. _____. n. 51, 10 mar. 1910.

CORREIO DO POVO. Porto Alegre, n. 37, 8 fev. 1905.

- _____._____. n. 126, 3 jun. 1903.
_____._____. n. 145, 22 jun. 1910.
_____._____. n. 202, 25 ago. 1909.
_____._____. n. 248, 19 out. 1909.
_____._____. n. 249, 2 nov. 1899.